

Dona Madalena e a escolha pelo campo: autonomia de vida e soberania alimentar no semiárido

Maria Madalena Maia de Oliveira Pinheiro, 56 anos, agricultora por convicção, nascida no Sítio Alto Novo, onde morava com os pais, ao casar-se com Fausto Pinheiro da Silva Neto, o seu Silveira (66), se mudou para a zona urbana da cidade de Itaú. Trinta anos depois, convenceu a família de trocar a cidade pelo campo. Hoje mora com o marido, dois filhos, nora e neta em uma casa simples e acolhedora no Sítio Jerusalém, zona rural de Itaú, onde cria animais de pequeno porte e cultiva hortaliças e diversas plantas frutíferas e medicinais.



Dona Madalena e seu pé de Manjerioba Braba

Quando morava com os pais, ajudava na agricultura apanhando algodão, plantando feijão, arando a terra. Coisa que sempre gostou de fazer. Quando casou e foi morar na cidade, Madalena trabalhou como assistente de serviços gerais numa escola, porém, quis voltar às atividades da agricultura: "Quando eu vi esse projeto das cisternas, que ia ter água, eu quis voltar", afirma dona Madalena. E há seis anos se dedica ao seu quintal produtivo.

Os filhos e a nora trabalham na cidade, a neta passa o dia na escola e, em casa, dona Madalena tem uma rotina intensa. Acordando às 5 horas da manhã, ela é quem alimenta as mais de 100 galinhas, 4 perus, 45 patos, 4 gansos e 30 guinés que cria. Varrer o terreiro, preparar a terra, aguar as plantas, arrumar a casa, fazer o almoço, lavar roupas são suas tarefas diárias.

O marido, seu Silveira, e João, o filho mais velho, ajudam na agricultura, mas é Madalena quem diz o que, onde e como plantar. No seu quintal tem pé de tamarindo, laranja, acerola, seriguela, jaca, limão, caju, goiaba, manga, maracujá, melancia e ela planeja plantar ainda mais. Conhecedora de vários remédios caseiros, feitos com plantas medicinais, no quintal de Madalena encontramos malva e hortelã pra fazer lambedor pra curar gripe e o pé de **Manjerioba Braba** que, pela experiência da própria agricultora, basta esfregar as folhas na pele para curar coceiras, impingem.

- A plantação de feijão, milho, jerimum e sorgo também contribuem para uma melhor alimentação da família de Madalena. Além de decidir sobre a produção, é ela quem define a comida que vai pra mesa: “sem veneno, claro! Pode até ser que dê um pouco mais de trabalho, mas é melhor assim”.



Dona Madalena em sua horta



Alimentando suas galinhas

Quintais produtivos como o de dona Madalena, e de tantos outros agricultores e agricultoras de Itaú e espalhados por toda a região, mesmo com recursos parcos, são o desenvolvimento que já existe: a agricultura familiar é responsável por mais de 70% do que chega a nossa mesa. E os projetos de convivência com o semiárido são verdadeiras forças para que as pessoas permaneçam no campo para a autonomia e a soberania alimentar do nosso povo.

A escolha por viver e produzir no campo feita por dona Madalena tem relação com a qualidade de vida a partir da produção diversificada de sua própria alimentação e de sua família, com o cotidiano de resistência e de amor pelo cultivo da terra:

“Eu gosto de viver aqui, de cuidar das minhas plantas. Aqui eu tenho sossego e tenho saúde, minha e da minha família, porque eu sei o que a gente tá comendo”

E esta é a escolha de muitas Madalenas, Franciscos, Joanas, José, Marias... Os agricultores e agricultoras familiares estão e querem continuar no campo.



Dona Madalena, seu Silva, filha e neta